ANO 6.º — Sexta-feira, 29 de Agosto de 1913 — NUMERO 286

O DEMOCRATA

(AVENÇA)

SEMANÁRIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias) . . . . . 1$20
Semestre $60
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte . . . 2$50
Avulso $02

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

Ordem pública

Várias teem sido as tentativas de perturbação pública empregadas, algumas a sós, por elementos monarquicos em exclusivo, outras com o auxilio e coadjuvação de vários factores, incluindo até alguns republicanos eivados de um radicalismo para o qual não está ainda diagnostico seguramente feito.

Déssas tentativas, umas esboçam-se com designado e claro objectivo: de novo a corôa para o reisinho destronado; outras, de que teem resultado apenas vários assassinatos, nada, apesar disso, indicam com segurança qual tenha sido o seu fim, assim como o motivo que as determinam.

Mas analisando desapaixonadamente taes factos, esforçando-nos para compilar quanto a seu respeito se escreveu e disse, não atinâmos com nenhuma razão justa, legal, politica, das causas que dignamente lhe tivéssem dado origem.

Abstraindo meia duzia de figuras de mediana representação social, vimos, de resto, atuando em todo o seu conjunto, a inconsciencia, a ambição e o mais completo desconhecimento do quanto seja orientação administrativa e politica.

Sem a indicação dum objectivo, ainda que despido do engrandecimento de expositora rétorica, mas no fundo alevantado e nobre na purêsa do seu principio, éssa gente imaginou que explodindo bombas e matando homens e creanças, afastaria do poder os que a êle tem direito, por todas as circunstancias. Viriam depois na pessoa dum João Duarte ou dum Vagueiro, e de tantos quantos se quizéssem colocar fóra da lei empregando meios violentos e injustificados, fazer então o govêrno que êles entendiam, fundar a Republica como êles a sonháram!...

Sombrías obras primas de ignorancia!

E nésta ridicula e imbecil justificação porque a Republica de agora *não é a Republica que êles sonharam*, sem mesmo dizerem de que espécie é éssa dos seus sonhos, taes elementos daninhos, animados por uma falsissima e errada compreensão de que seja o alto cargo de governar, meteram hombros á redentora obra da salvação pública e eil-os matando gente com bombas, distinguindo-se os salvadores com braçadeiras postas com distintivo da sua tôrpe imbecilidade. Não poderemos classificar esses actos senão como crimes de assassinato voluntario, premeditados com revoltante friêsa.

Pois que foram essas provas de repugnante barbaridace atirando bombas para um cortejo de creanças ou para cima de agentes da auctoridade?

Uma revolta? Uma insurreição?

Mas isso não póde ser, *porque ambas são duas coleras, uma que contem o agravo, a outra o direito.*

Nos estados democraticos, afirma um grande escritor francês, *unicos baseados na justiça, sucéde algumas vezes a fracção usurpar; então ergue se o todo e a necessaria reivindicação do seu direito póde até leval-o a pegar em armas. Em todas as questões que dimanam da soberania colétiva, a guerra do todo contra a fracção é insurreição. A agitação das paixões é diferente do estremecimento do progresso. Não ha insurreição senão para a frente. Qualquer outro levantamento é mau; todo o passo dado violentamente para traz é revolta; recuar é uma via de facto contra a humanidade. A insurreição é o acésso do furor da verdade; as pedras da calçada que a insurreição revolve lançam a faisca do direito!*

Essas ruas não deixam á revolta senão a sua lama.

Procéde daqui, como disse Lafayette, *que a insurreição em dados casos póde ser o mais santo dos deveres, a revolta o mais fatal dos atentados. Ha nisto tambem alguma diferença na intensidade do calorico; a insurreição é muitas vezes vulcão, a revolta fogo de palha!*

A revolta, reside por vezes no poder. A insurreição é, por vezes, a ressurreição.

A revolta e a insurreição é a multidão que ora labora no erro, ora tem razão. Nos casos mais geraes a revolta sae do facto material; a insurreição é sempre um fenomeno moral.

A insurreição confina com o espirito, a revolta com o estomago. Assim nas questões de fóme, tem esta um ponto de partida verdadeiro, pátetico e justo. Todavia fica sempre revolta.

Porquê? Porque tendo razão no fundo, andou errada na fórma. Feroz, com quanto tendo direito, violenta, com quanto forte, feriu ao acaso; caminhou como o elefante cégo, esmagando tudo; deixou atraz de si os cadaveres dos velhos, das mulheres e das creanças; derramou, sem saber porque, o sangue dos inofensivos e dos inocentes.

Todos os protestos armados começam com a mesma perturbação. Antes que o direito se desembarace, ha tumulto e escuma. No principio a insurreição é revolta do mesmo modo que o rio é torrente. Ordinariamente termina no oceano: Revolução. Todavia a insurreição algumas vezes vinda das altas montanhas que dominam o horisonte moral—a justiça, a sabedoria, a razão, o direito, formada da mais pura neve do Ideal, depois de aturada queda de rocha em rocha, depois de ter refletido o céo em sua transparencia, depois de se ter engrossado com seus afluentes na magestosa marcha do triunfo, perde-se de repente em qualquer barranco burguez, como o Rheno num charco.

Tudo isto é do passado; o futuro é diferente.

O sufragio universal tem isto de admiravel: dissolve a revolta em seu principio e desarma a insurreição dando-lhe o voto. O desaparecimento das guerras, da guerra das ruas, como das guerras das fronteiras, tal é o incostavel do progresso. Seja hoje o que fôr, a Paz é o Amanhã.

No fim de tudo, insurreição ou revolta conhecem pouco a diferença, não sabendo em que a primeira difére da segunda. Para muitos tudo é sedição, rebelião pura e simples; revolta do cão contra o seu dono, ensaio de mordidela que é preciso punir com a corrente e a casinhola, uivo, latido até ao dia em que a cabeça do cão avolumada de repente, se esboça vagamente na sombra como fronte de leão!

Assim se exprimia néstas palavras, que fórmam um evangelho e que são a produção dum dos mais agigantados cerebros do mundo, facho intensamente luminoso que acalentou a humanidade, encorajou tanto espirito, salvou tanta vida e fez tremer tanto tirano—Victor Hugo—e por isso perguntâmos o que poderão ser para a historia esses actos de banditismo inesperado, praticados em Lisboa, que apavoram o coração humano, pela grandêsa da horribilidade que demonstram e pela prova do proprio acto que assegura a existencia da ferocidade infernal dos seus autores.

A imbecilidade feita ambição!

A ignorancia suposta sabedoria!

João Duarte, que foi republicano, pagando-se por suas mãos e estabelecendo pensões aos seus, aos que como êle não viam nesta Republica a que êles sonharam!

Porquê?

Porque êles assim o julgam —e não vêem dela o que dela esperavam!

Em dinheiro e sem trabalho —a recompensa da sua fidelidade... *desinteressada*, da purêsa do seu ideal por uma Republica que lhes... agasse, acalentando-lhes a vadiagem.

E mais nada.

EXAMES

Com o melhor dos resultados, pois que obtivéram a classificação de distintas, fizéram ha pouco exame do 2.º grau as meninas Ana de Oliveira e Souza, Eduarda Miranda e Rita dos Prazeres Rodrigues e ainda o menino Eurico de Abreu Bruno, a quem felicitâmos compartilhando assim da intima satisfação das suas respectivas familias.

FILMS...

Os bispos

Mão desconhecida envia-nos da Beira alguns numeros duma folha católica onde se lê que os bispos teem sido violentamente atacados na imprensa republicana.

Não é bem assim. Que saibâmos bispos atacádos conhecemos apenas um, quo foi o de Beja.

Mas isso não é de agora, como muito bem o jornal em questão póde indagar...

Um aventureiro

Sobre a *vida de Cristo*, filho, que no Rio de Janeiro tem andado de parcería com o Fortunato Monteiro em propaganda monarquica, traz-nos o nosso coléga *Portugal Moderno*, do dia 6 do corrente, esta curiosa noticia:

> «*Cristo*, filho doutro (não se trata do filho unigenito de Deus), fez espalhar aos quatro ventos que tinha sido recebido em audiencia especial pelo ilustre Presidente da Republica, sr. Marechal Hermes da Fonseca.
>
> Crêmos que, desta vez, o *Cristo... moderno* não teria, com a noticia aventada, intuitos politicos e que só a parlapatice determinou o arrojo, que esperaria passasse em julgado; mas, fôsse como fôsse, o que é certo é que o *diabo tece-as* e a folha oficial desmentiu o *canard* de *Cristo*, que se não é pouco virtuoso é, pelo menos, pouco verdadeiro.
>
> Efeitos da civilisação!
>
> O outro, o da Judéa, viveu numa época de maior atraso, mas primava pelo respeito á verdade, segundo dizem; este, o de Aveiro, veio ao mundo dezenove seculos e pico depois e quer que a verdade... *côma duas pêras*.
>
> E' que ser verdadeiro naqueles tempos cabia na larga, modesta e alva tunica do filosofo, ao passo que agora tão vulgar virtude não cabe nas ajustadas e pretenciosas *labitas* parisienses do trapalhão.
>
> O magico queria *dar-se ares* e supôz que os do Cattete lhe fôssem propicios.
>
> Enganou-se redondamente.
>
> Os ventos daquela banda sopraram fortes demais e o *Cristo*, que se imaginava já em ascenção aos céus, aí por alturas da lua, foi empandeirado, quando menos o esperava, e *estatelou-se* no chão que pisam os miseros mortaes, *mordendo o pó das derrotas*.
>
> O caso, porém, tem um unico remedio—a resignação.
>
> E' escovar cuidadosamente a farpela e se a mão do destino atacou, desta vêz, a bochecha direita é pôr já ás ordens a esquerda com a superioridade *estoica* dum *Cristo*.
>
> Dêste *Cristo* de pechisbeque, valha a verdade, não haverá, de aqui a seculos, nenhum Bossi que se atreva a negar-lhe a existência.
>
> Ele proprio se vai encarregando de registrar a sua passagem... *pela terra*.»

E não ha duvida que a registam bem. Ele e o pae.

Badálos parados

Dizem de Braga que os sineiros daquela cidade tradicionalmente reaccionária, se acham em gréve por virtude duma recente determinação do administrador do concelho, que lhes proíbiu os repiques de sinos de mais de dois minutos, não lhes permitindo além disso qualquer toque desde as 17 horas até ás 7, salvo em ocasiões de perigo comum.

Que alivio não deve representar para muitos esta atitude dos badaleiros de Braga! E não haver quem faça calar o *Bébes*, êle que tanta asneira *badála* por essas tabernas... fóra de horas!...

No Brazil

Da capital da grande republica sul americana comunicam á imprensa portuguêsa que os jornaes fluminenses publicáram um manifesto do principe Luiz de Bragança, néto do imperador deposto, criticando largamente o regimen atual e pondo-se á disposição da patria, pronto para todos os sacrificios.

Está-se mesmo a vêr. E' a eterna cantáta, que nem sequer colhe pela originalidade.

Passeando...

Chegou ás Pedras Salgadas, dizem, aquele celeberrimo padre Benavenuto, director do *Petardo*, companheiro do padre Matos, do *Portugal*, e outros quejandos animalejos, que passaram a vida a escoucear na Republica emquanto a julgávam apenas uma aspiração. Hoje vivem á sombra déla e tão mal que comem, fumam e passeiam despreocupadamente como que a atestar a *vingança demagogica*... que a sua impunidade representa.

Estes marmanjos...

Mortos ilustres

Sol y Ortega—Emile Olivier

Roubou a morte na semana finda uma das figuras de maior prestigio e destaque da democracia hespanhola—Sol y Ortega.

Integralmente fiel ao seu programa, essa veneranda figura não se afastou em toda a sua longa existencia, um ápice da segura linha de conduta politica por ele proprio traçada um dia.

O eminente e fervoroso democrata, que as fileiras republicanas hespanholas perderam, teve ns sua vida de propagandista apaixonado e entusiasta, lances de grâve dificuldade e de profunda angustia. Ainda ha tres anos quando em Barcelona se desenrolaram os sanguinolentos acontecimentos que ficáram assinalados com o titulo de—semana tragica—Sol y Ortega teve de emigrar para assim fugir á perseguição do govêrno reaccionario de Maura, que tambem lhe imputava responsabilidades nos excessos cometidos da mesma fórma que as impôz a Francisco Ferrer para justificar o seu assassinato cruel e profundamente desnecessario.

Sol y Ortega era um orador fluente e preciso, tanto na tribuna parlamentar como no comicio.

A sua morte foi sentidissima falando-se em que lhe será erigido um monumento público.

* * *

Em Saint-Gervais, desapareceu tambem uma velha e lendaria figura da politica francêsa, Emile Olivier, o estadista que foi presidente do conselho, no reinado de Napoleão III, quando, em 1870, z França, declarou tão leviana e temerariamente a guerra á Alemanha, de que resultou o tremendo desastre que cobriu de luto a grande nação... do não menos grande miseravel Napoleão.

Emidio Navarro

Lembrou-se o *Dia*, aquele famoso diário que o ex-consul de Banana, Moreira de Almeida, sustenta em Lisboa para combater a Republica e os republicanos, de comemorar com um artigo sobre o notavel jornalista Emidio Navarro, o aniversario da sua morte e, com este ensejo, dar duas ferroadas mais no regimen que tanto lhe tem tolerado, consentindo-lhe as diatribes.

O filho do extinto, porém, conhecedor dos intuitos que levou o jornal realista a recordar a memoria de seu pae, não se conteve que não enviasse de Espanha, onde atualmente reside, ao director do *Dia*, a seguinte carta:

Madrid, 19 de agosto de 1913.

Meu caro Moreira de Almeida

Só hoje leio o *Dia* de sábado (por culpas do correio), cujo artigo de fundo vem encimado com o apelido que eu tenho a honra incomparavel de usar.

Esse artigo leva-me pela primeira vêz, desde que meu Pae morreu, a ocupar-me publicamente dêle. Tenho sempre cuidadosamente evitado fazêl-o, mesmo com pessôas da maior intimidade. Reconheço que me falta sangue-frio, e estou bastante ensinado pela experiência para saber que a serenidade é uma grande fôrça na vida, sobretudo num país de exaltados, como por desgraça é o nosso.

Mas o artigo do *Dia* obriga-me a romper o meu propositado silencio—tão propositado, que resisti muitas veses á tentação de repelir, indignado, elogios que no Parlamento e na imprensa lhe foram dedicados por bôcas e pennas que em vida se tinham avesado a abocanhal-o. Nem essa suprema injuria lhe foi poupada!

De meu pae póde com verdade dizer-se que foi assassinado pela política, que tambem lhe malogrou a maior parte da sua obra, quando não lh'a destruiu por completo.

Desde a sua ída para París, Emidio Navarro ficou praticamente fóra da acção politica, a que as suas indiscutiveis condições de talento e energia lhe davam direito pleno: escorraçado do partido, escorraçado do parlamento e escorraçado do paço, quando marreu não era deputado, não tinha conseguido ser par do reino (ele que fizera tantos!) e não tinha nenhuma condecoração portuguêsa. Foi para a terra com a farda de ministro português, ganha a pulso e honrada com serviços eminentes, e com as insignias duma honraria estrangeira, porque nós não pudémos encontrar, nem nas suas gavêtas nem no *Diário do Govêrno*, um testemunho vivo do agradecimento do regimen que ele servira denodadamente. O Rei mandou-nos dar os pêsames pelo formulario empregado para desanojar as familias dos abegões que lhe morriam no Alemtejo, e na câmara alta, sobre umas palavras nobres de Antonio Candido, foi a indignação de João Arroio que, uzurpando generosamente prerogativas da Corôa, o fez, depois de morto, par do reino por aclamação... Faço constar, com gratidão, que as duas Rainhas procederam por fórma bem diferente do Chefe do Estado. Eu sei perdoar, mas não sei esquecer. E no artigo do *Dia* esquecem-se estes e outros factos.

Se é verdade que meu pae sofreu num dado ciclo da sua vida

politica a oposição mais violenta dos republicanos, o que era logico e natural, dadas as respectivas posições e os processos de combate então (e ainda hoje) usados, é tambem verdade—verdade vergonhosa!—que a origem, a iniciativa das mais ferozes campanhas contra êle, partiu dos arraiaes monarquicos. Os outros, quasi sempre, exploravam e alargavam essas campanhas; a patente de invenção, porém, era monarquica.

No fim da sua vida, numa célebre campanha eleitoral das *Novidades* a favor das candidaturas republicanas por Lisboa, Emidio Navarro fez o elogio de alguns dos *pigmeus de hoje*, como diz o *Dia*. Eram adversários da vespera, que o combateram por ser o mais forte obstaculo á realisação do seu ideal e não por sentimentos mesquinhos da inveja e paixão ruim.

Emidio Navarro aos republicanos fazia dificuldades; aos monarquicos fazia sombra.

Causou-me por isso profunda mágua que *O Dia* agora (e porque não ha dois, três, quatro, cinco anos?) fizesse da memória de meu pae uma especie de *gato morto* com que bater nos seus inimigos atuaes.

O famoso *estadulho* foi quasi sempre empregado para defêsa própria, que o temperamento de quem o manobrava transformava em ataques. E foi a necessidade constante, ininterruta, de 40 anos dessa defêsa organica que deu em terra com o pobre grande homem e a sua obra... apenas começada!

Os elogios, os ditirambos, as lágrimas de crocodilo só vieram depois da morte: pela impossibilidade de olhar para o alto, comum a certos animaes, só quando o viram estendido é que lhe mediram o tamanho!

Deixemos os mortos em paz, meu caro Moreira de Almeida!

Agradecia-lhe muito a publicação dêste desabafo, primeiro e ultimo, sobre o assunto.

Creia-me

De V., etc.,

Armando Navarro.

Estranhou e estranhou muito, o ex-consul, esta missiva do sr. Armando Navarro, acostumado como está a dizer tudo quanto quer e lhe vem á cabeça e por isso a acompanhou de *alguns reparos* em que se leem, por exemplo, estes periodos, que tambem ficam arquivádos para o que dér e viér:

Os mortos, como Emidio Navarro, não pertencem inteiramente á paz da sepultura, mas á critica historica na sua personalidade, na sua obra, e tambem no estudo dos homens e dos costumes politicos do seu tempo.

Ora se assim é, qual a razão porque o *Dia*, logo abaixo umas poucas de linhas dos seus *reparos*, diz, textualmente: *E quanto ás formulas protocolares dos régios pêsames pela sua morte parece-nos que, sendo já extinto tambem o rei, seria preferivel deixar que éssas contas se ajustassem lá no outro mundo entre os espiritos de ambos?!*

Não será, porventura a pessoa do rei, em egualdade de circunstancias, um dos mortos que *não pertencem inteiramente á paz da sepultura, mas á critica historica na sua personalidade, na sua obra, e tambem no estudo dos homens e dos costumes politicos do seu tempo?*

Vê-se que a carta do sr. dr. Armando Navarro deixou *abananado* o ex-consul de Banana...

Pudéra! Se nem com quanto *assucar* ha êle conseguiu tirar-lhe o amargor...

Asilo-Escola

Acompanhado do respectivo possoal seguiu ontem para a praia da Torreira, com a banda, a secção masculina do asilo distrital a quem os banhistas, como sucedeu o ano passado, facilitam a sua permanencia ali durante o résto da estação calmosa.

E é que todos aproveitam sem encargo demasiado.

EM ESPANHA

A campanha iniciada contra a prorogação do tratado comercial entre o nosso país e aquêle

A nossa exportação de pesca e sal ameaçada

Com uma desusada violencia iniciou-se em Espanha, e dia a dia toma maior vulto, a campanha que têve principio no jornal—*La Dictadura*—orgão do deputado por Puerto de Santa Maria, o sr. Dionizio Pérez, campanha que tem por fim obstar a que no novo tratado de comercio entre os dois países, se mantenham os principios de protècção estabelecidos no anterior e ultimamente denunciado com referencia á exportação de sal e pesca de Portugal para aquela nação.

Em Cadiz, região especialmente a favor da qual se levanta tal clamor protécionista dos salineiros dali, tem o movimento de protésto atingido proporções extraordinarias.

Sendo cérto, porém, que se pretende dar á questão um aspecto de geral e nacional interesse, êle sem duvida apenas deve ter o caráter restritamente local, como acima dizemos, ao ponto mais interessado no assunto, como sejam os salineiros do sul, dos quais um dos seus eleitos, o deputado Dionizio Pérez tomou tanto a peito a defêsa dos seus interesses.

O que é cérto e com o que poderemos contar, será a má disposição dos dirigentes espanhoes a respeito de tão momentosa quanto gráve questão para nós outros.

Anima-nos, contudo, a esperança de que os encarregados de assentar e definir as bases do importante assunto não se deixarão levar pelo excésso protécionista dos que apaixonada e faciosamente estão discutindo as consequencias, no seu dizer gràves e ruinosas do actual tratado de comercio.

Teremos de atender, como verdade indiscutivel, que Portugal apenas introduz sal em Espanha, para a Estremadura e Castilla, regiões onde pela carestia das tarifas do transporte interior, não póde chegar o producto em condições comerciaes.

A nossa unica vantagem é a tarifa ferro-viária. Nada mais. E como prova do quejafirmâmos vâmos conhecer do que disse, em resposta á consulta do govêrno, que precedeu a negociação, a propria Câmara de Comercio de Cadiz, isto é, a interessada na questão salineira daquéla região:

Ha que ter em conta que desde a ribeira gaditana ás principaes praças consumidoras, (Badajoz, Caceres, Zamora e Salamanca) ha um percurso de 800 kilometros com um gasto de perto de 30 pesêtas por tonelada, como minimo, ao passo que desde as salinas portuguêsas, só com um percurso inferior a 300 kilometros, chega o produto ás referidas praças com uma margem de competencia de 18 pesêtas por tonelada, aproximadamente, impossivel de salvar pela industria gaditana, pois excede em valor ao artigo em salina.

O sal de Cadiz não póde, pois, chegar a Salamanca, á Estremadura, etc., pela carestia do transporte. Esta é a verdade, que apezar de tudo não pódem esconder.

No entanto pela letra do artigo que reproduzimos, nenhum dêstes pontos importantes é referido, pretendendo-se até querer convencer que todo o cuidado é pouco na defêsa dos interesses hespanhoes ameaçados de novo por mais um periodo de cinco anos.

Não é assim.

O tratado foi negociado em 1894, por dez anos prorogaveis por quinquenios, *enquanto não fôsse denunciado*. Desde que o foi, não póde, como é logico, ser prorogado por cinco anos. O que póde e deve necessariamente suceder é que, ao findar a vigencia do Tratado, não em outubro, mas sim em setembro proximo, se estabeleça um regimen provisorio, por acordo entre os dois govêrnos, para vigorar, não por cinco anos, mas strictamente pelo tempo que vai desde a caducidade do atual Convenio até á vigencia do novo Tratado em negociação.

Este, evidentemente, só poderá entrar em vigor depois de ratificado pelos parlamentos das duas nações, o que nunca poderá ser antes do fim de janeiro, dadas as datas fixadas para a convocação das respectivas sessões.

Temos depois a questão do peixe que para o autor do artigo, reproduzido na imprensa de todos os matizes politicos da capital madrilena, mereceu ligeiras referencias para que se não dissésse que isoladamente tratava da questão principal—o sal—unica que afinal pretende defender á outrance, ainda que sem razão nem direito para os proprios interesses e economia do povo do norte de Espanha. A abolição da franquia, que pretendem os interessados, elevaria a um preço desomunal um produto tão necessario á vida como é o sal, e o beneficio dos produtores gaditanos traduzir-se-ía pelo agravamento das condições economicas de todo o povo espanhol; por gràves prejuizos para as companhias ferro-viarias mencionadas e pela ruina das industrias das regiões que fazem o consumo do nosso sal barato.

A questão, contudo, é de palpitante interesse para todo o nosso país e especialmente para a nossa região e por isso dêle tratâmos com o desenvolvimento indispensavel.

Segue a transcrição do artigo de *La Dictadura*:

«Escreve-se êste artigo para que o leia o sr. Lopez Muñoz, para que o leia o sr. Suarez Inclán, para que o leia o sr. Gasset, para que o leia o sr. Gimeno. (Estes são respectivamente os ministros dos estrangeiros, da Fazenda, do fomento e da marinha).

«A cada um dêles se pedirá que o leiam e além disso, se a tanto póde chegar o nosso pedido, se rogará tambem que lhe dê uma vista de olhos ao nosso cordial inimigo o presidente do conselho de ministros.

«Nós confiâmos na eficácia désta leitura e temos, não a esperança, mas sim a certêsa de que não se consumará o tremendo erro a que nos levam caladamente habeis diplomatas estrangeiros.

«E se a imprensa quizésse ajudarnos—que sim, quererá—poderiamos fazer, entre governantes e jornalistas, uma obra de justiça e dariamos á riquêsa nacional um cabedal de muitos milhões, que se repartiriam entre operarios de rudissimo trabalho e acrescentariam duas industrias das mais importantes do país.

«Assim fica feito aqui um publico rogo a estes colégas, mestres e amigos Vicenti, Lôpez Ballesteros, Matrix, Romeo, Castrovido, Luca de Terra, Cánovas, Rocamora, Valdeiglesias, que dispõem de uma difusão de publicidade de que eu, humilde e pobre careço. (Estes são os directores dos jornais: *El Liberal, El Imparcial, El Mundo, La Correspondencia de España, El País, A B C., La Tribuna, Heraldo de Madrid* e *La Epoca,* respectivamente).

«Trata-se do seguinte:

«No dia 1.º de outubro proximo termina a vigencia do nosso tratado de comercio com Portugal. Esse tratado foi um dos mais gràves erros que a Espanha, na sua desatinada politica comercial, cometeu. E agora, ao chegar o momento de rectifical-o, os portuguêses déram provas de habeis negociadores e com olvidos nossos e dilacções suas, conseguiram que o tempo avance e que pareça precisa a prorogação do tratado: isto é, a continuação do erro e do prejuizo, prorogação que, uma vez conseguida, hade durar cinco anos.

«Ha nêste tratado uma serie de isenções e franquias de direitos aduaneiros. Entre élas ha duas absurdas, inverosimeis, lesivas para o capital e o trabalho espanhol.

«Uma é a do sal. O sal português entra em Espanha por via terrestre sem pagar nada e vem a competir com o produzido em Espanha. Assim, em um quinquenio enviou-nos Portugal as seguintes quantidades:

«Em 1907, 9.747:000 kilos.
«Em 1908, 13.403:000 kilos.
«Em 1909, 14.628:000 kilos.
«Em 1910, 10.061:000 kilos.
«Em 1911, 7.294:000 kilos.

«Entretanto, na baia de Cadiz os produtores de sal tivéram que chegar a um concerto, em que um dos fins foi *limitar a produção.* Ha ali numerosas salinas inexploradas, abandonadas, apesar da enorme exportação de sal que Espanha envia ao estrangeiro. O tratado serve, pois, para que Portugal venda em Espanha toda a sua super-produção, tudo quanto lhe sobra.

«Não se concebe como em 1894 poude cometer-se tamanho erro. Para os demais paises, a pauta fixa um direito de introdução de 4,40 pesêtas cada cem kilos, e para o mesmo Portugal, quando a introdução se faz por mar. E claro é que, desde 1908, não entrou por mar um só kilo. Mas a livre introdução por terra converte em mercados de Portugal todas as provincias fronteiriças, desde Huelva a Pontevedra, quasi uma terça parte do territorio nacional. Esses cincoenta e cinco milhões de kilogramas representariam na baia de Cadiz umas tantas salinas mais em produção e representariam o trabalho de bastantes operarios.

«E se isto é absurdo, mais e muito mais absurdo é que se queira manter a franquia aos produtos da pesca portuguêsa.

«Por terra, a sua entrada em Espanha é livre, e por mar, pagam o ridiculo direito de 1,50 pesêtas por cada cem kilos.

«Deve-se ter em conta que em 1894, quando se fez o tratado com Portugal, as industrias de pesca não tinham o desenvolvimento e importancia que alcançam hoje. Não existiam nem aqui nem em Portugal os vapores dedicados á pesca: estava iniciando-se, em realidade, a aplicação do gelo e não se tinha nem ideia remota da utilisação da câmara frigorifica nos barcos, nos wagons e em terra.

«Aos pesqueiros de Marrocos apenas acudiam mais barcos que os do litoral do sul de Espanha, e sobre tudo isto, o consumo de peixe em Espanha era muito menor que atualmente.

«A concessão feita a Portugal quasi não tinha valor então.

«Mas hoje!...

«Na Galiza e na Andaluzia ha frotas de vapores dedicados á pesca; aperfeiçoaram-se os processos de conservação, embalage e transporte. E' uma riquêsa que se triplicou e que sustenta milhões de espanhois. E tambem com éssa franquia, como ocorre com a do sal, se entrega a Portugal uma extensa zona espanhola, por mercado.

«E não só a Portugal, mas a quantos barcos francêses descem aos pesqueiros de Marrocos e voltam a Lisboa e desembarcam ali a sua pesca. Não é, pois, só o valor da mercadoria que oferecemos a Portugal: é o trafico nos seus portos, os transportes nos seus oomboios, os tributos ao seu Erario.

«Assim, veja-se o crescimento désta importação nas seguintes cifras:

«Em 1907, 3.588:000 kilos.
«Em 1908, 3.374:000 kilos.
«Em 1909, 3.663:000 kilos.
«Em 1910, 4.225:000 kilos.
«Em 1911, 5.360:000 kilos.

«E estas cifras continuarão subindo á medida que os vapores com câmaras frigorificas aumentem, e afluam ás costas de Marrocos mais barcos de França, de Holanda e de Inglaterra.

«Para os nossos barcos toda a competencia é impossivel.

«Será uma ruina inevitavel nas provincias de Huelva e Cadiz. Para os nossos vapores, a luta com os vapores portuguêses é muito dificil. E'-o porque em Portugal, que não tem produção hulheira, o carvão entra livre de direitos, e, portanto, é muito mais barato do que em Espanha. E'-o, além disso, porque o seu preço de mão de obra é mais baixo.

«Hoje, éssa franquia concedida a Portugal representa para os pescadores espanhois uma perda de tres milhões de pesêtas anuais; mas cada ano esta cifra será maior. Nos cinco anos de prorogação que alcançará o tratado, se a imprensa não o impede e o govêrno não o evita, o prejuizo será de vinte e cinco milhões de pesêtas.

«E fala-se de reconstituir a riquêsa nacional, de fomentar as industrias, de evitar a emigração, e deixam-se abandonadas estas fontes de riquêsa, não já naturais, mas sim forçosas!

«Forçosas, porque é inconcebivel que uma nação com tão dilatado litoral como Espanha, que uma nação, a mais imediata aos pesqueiros marroquinos, consuma peixe pescado em navios estrangeiros.

«E' muito mais absurdo do que se em Cartagena se importasse chumbo ou em Riotinto cobre.

«Em nome dos pescadores, senhores jornalistas, e em nome do senso comum e do decoro nacional, senhores ministros, ponham mão nisto e que o erro não continue e não se sancione com uma prorogação de cinco anos, que vai custar á Espanha cinco milhões de duros.»

A' vista do exposto, uma coisa só nos resta: é que o govêrno português, estudado convenientemente o assunto, se empenhe na defêsa da nossa industria como é de justiça.

Excursão do Porto

Acompanhados do seu director, sr. Joaquim da Cunha Pecegueiro, alguns professores e prefeitos, estivéram no domingo nésta cidade os internados do Asilo Escola Municipal do Porto em numero aproximado a 120, devidamente uniformisados, e aos quaes no edificio asilar de Aveiro foram, pelo seu director, sr. padre Lourenço Salgueiro, dispensadas todas as atenções a que tinham direito os inexperados visitantes.

Na alameda do jardim público teve logar, pelo meio da tarde, um exercicio de ginástica suéca a que assistiu bastante gente com vontade de vêr os jovens asilados nesse interessantissimo torneio, depois do que retiraram para o Porto acompanhados dos seus colégas de aqui, com a respectiva banda, até á estação, onde se trocáram mutuas saudações.

Por as bréves palavras que tivémos ensejo de permutar com o snr. Cunha Pecegueiro, parece que nenhum dos visitantes ía mal impressionado do passeio pelo bom acolhimento que tivéram, tanto por parte da população de Aveiro como dos gerentes do seu Asilo-Escola.

BOATOS OU QUÊ?

Com esta epigrafe lê-se no ultimo numero da *Bairrada Livre*:

«Consta-nos á ultima hora que se tem galopinado rasoavolmente com a promessa de isenção de mancêbos sujeitos ao serviço militar. Não lançâmos suspeições contra a comissão que se acha em serviço nesta vila, nem em casos de tanta gravidade se devem fazer juizos sem uma prova evidente. Mas o que parece cérto é que se tem querido tentar pôr em prática os processos antigos. Compete a todos os republicanos velar pela moralidade e denunciar os traficantes. Quem os encobrir torna-se cumplice dum crime de lesa-pátria».

Nós assim fazemos. E porque não somos baú das malandrices de ninguem, é que cértos *figuros* entendem que o *Democrata*, ás vezes, é violento de mais...

Não queriam...

Dotação de estradas

O sr. ministro do fomento, que nêstes ultimos dias se tem dedicado quasi exclusivamente á distribuição de dotação de estradas, concluiu já, segundo informações da imprensa, êsse trabalho, sem outra preocupação mais do que as verdadeirasnecessidades existentes.

De todos os distritos o nosso é, sem duvida, um dos que em peor estado tem as suas vias de comunicação.

Vâmos a vêr, pois, quanto nos tocou no reparte.

JOÃO DE OLIVEIRA JUNIOR

Dentre os novos que nos E. U. do Brazil trabalham guiados pelo são critério da honestidade e do dever, destaca-se, sem dúvida, este nosso amigo e prestante correligionario a quem o *Democrata* é devedor de bastantes finêsas que em Parnahyba lhe tem prestado.

João de Oliveira Junior foi aluno do seminário de Coimbra até 1903 donde saíu por o seu espirito não se coadunar com os regulamentos daquele estabelecimento de ensino reaccionário embora com isso désse um grande desgosto a sua familia, que á força queria fazer dele padre.

Tentou depois matricular se no liceu mas como as dificuldades lhe sugerissem cada vez maiores resolveu então embarcar para o Brazil, cidade de Parnahyba, onde conta inumeros amigos não só na colonia portuguêsa como mesmo entre os naturais, que o considéram e estimam como merece.

Colaborador de varios jornais, Oliveira Junior distinguiu-se sempre na defêsa dos principios democraticos, sendo por isso e ainda por a propaganda que deste jornal tem feito que hoje lhe prestâmos esta simples homenagem em que vão expressas as nossas felicitações pelo seu aniversario, que na segunda-feira passou.

TOURADA

Com uma concorrencia que não correspondeu ao cartaz, realisou-se domingo ultimo, na praça do Chão da Palmeira, o que mais está a pedir machado e fogão, do que espetadores, a anunciada tourada tão repléta de variedades que não chegando a realisar-se nenhuma délas, surgiram, porém, outras que não estavam indicadas.

Dos bichos, que foram introduzidos no redondel, a maior parte sentiu-se tão apertada, que não deu acordo de si.

Só três, o 5.º, 7.º e 8.º ofereceram ensejo dalguma lide, destacando-se Xavier e Francisco Rocha em bandarilhas, ouvindo ambos fartos aplausos.

Morgado de Cóvas, o cavaleiro conceituado, foi infeliz com os brutos que lhe couberam. Mostrou, todavia, o seu valor e o publico galardeou-o com freneticas palmas.

O amador e promotor da festa, Antonio Ratóla, partilhou da mesma sorte dos outros, cabendo-lhe um bichinho assustadiço que, com dificuldade, conseguiu enfeitar espetando-lhe alguns pares de ferros, tambem aplaudidos.

Com a mulêta é preciso aprender a não descobrir-se tanto e a saír como ensina a cartilha.

Inteligencia acertada, mas não devia ter sido por ela toleráda a presença de intrusos na arêna, o que só produziu incidentes e embaraços.

De resto tudo acabou bem.

A corrida que se deveria efétuar depois de ámanhã, 31, foi adiada por caso de força maior, segundo o informe que temos do empresário, sr. Ratóla.

Consta-nos que alguns reaccionarios não só continuam a proteger o padre Pato, vigário das Aradas, que apezar de não ter reconhecido a Republica, de não ter aceitado a pensão, de não reconhecer a Cultual e de ter abandonado a egreja, ainda conserva em seu poder os livros do registo paroquial, como ainda estão dispostos a proteger descaradamente o ex-prior de Esgueira, Rodrigues Gil, que tendo sido castigado por desobediencia ás leis da Republica, áquela freguezia regressou esperançado em voltar a ter preponderancia sobre o povo quando se verifica que a sua permanencia ali é um constante desassocêgo para todos os paroquianos.

Poderá isto tolerar-se?

Expediente

Aos nossos assinantes a quem pelo correio estâmos enviando os recibos do Democrata *vencidos ou prestes a vencerem-se, rogâmos o obsequio de os satisfazerem assim que para isso recebam aviso pois o contrário não só nos acarreta enormes despêsas como ainda nos faz multiplicar o trabalho fatigante da administração o que muito bem os nossos amigos, querendo, pódem evitar.*

Para a **Africa** e **Brazil** *não fazemos cobrança, excéção do* **Pará** e **Manaus** *onde temos como agentes, respectivamente, os nossos compatriotas J. J. Nunes da Silva e João Simões Amaro Junior que nos teem obsequiado em tudo quanto diz respeito ao jornal naquélas terras onde ha anos residem. Esperâmos, por isso, da comprovada honestidade dos assinantes das outras localidades o envio das importancias correspondentes ás suas assinaturas pela via que melhor lhes conviér e esteja ao seu alcance, o que antecipadamente agradecêmos reconhecidos.*

Principio de incendio

Numa casa da travessa da rua de S. Roque, no bairro piscatorio, pertencente ao sr. João Gonçalves da Peixinha, manifestou-se ontem fogo depois das 9 horas, que não têve consequencias de maior devido á imediata intervenção da visinhança, que o extinguiu de pronto.

No local compareceram as duas companhias de bombeiros voluntários com o respectivo material, logo que foi dado o sinal de alarme, não chegando a trabalhar.

O que vai pelo mundo...

(NOTAS LIGEIRAS)

Pelo engenheiro italiano, Giulio Ulivi, ao serviço do govêrno francês, acaba de ser descoberto um poderoso maquinismo a que êle chama—*raios F*—e que tem a propriedade de atirar a uma distancia superior a 20 quilometros, sem auxilio de fio algum, qualquer explosivo que se encontre dentro de um involucro metálico.

Este novo invento está merecendo encomiasticos artigos dos jornaes francêses, que lhe dedicam bastante espaço onde se afirma terem as experiencias feitas dado os mais lisongeiros resultados.

Imagine-se o que não irão ser daqui por deante as guerras!

Foram detidos em Lisboa, a bordo do vapor alemão *Sierra Nevada*, procedente de Buénos Aires, com escala por diversos portos do Brazil e Madeira, os passageiros Baldomero Granja e sua amante Antonia Petarca, o primeiro dos quaes é acusado dum importante desfalque de cêrca de 14:000$00 numa casa comercial de Barcelona, onde exercia as funções de guarda-livros.

Pouca sorte...

Referem de Gôa que por iniciativa do respectivo Govornador Geral da India, nosso conterraneo e presado amigo, sr. dr. Couceiro da Costa, se efectuou uma grande reunião no palacio a que compareceram todos os chefes de serviço, magistrados, comandantes das unidades, academia e representantes de todas as classes sociaes para acordarem no programa dos festejos a realisar por ocasião do 3.º aniversario da Republica, no dia 5 de Outubro proximo.

Depois de largamente discutido o assunto, ficou resolvido que á comemoração se imprima o maior brilho, devendo fazer parte das festas uma exposição industrial e agricola, e uma feira franca, isto além de regatas, iluminações, fogos de vista, folias populares, etc. que estão em projecto.

A snr.ª D. Clotilde Couceiro, dedicada espôsa do digno Governador Geral, está tambem empenhada na organisação duma récita de gala, cujo produto reverterá em favor da *Assistencia aos Indigentes e á Infancia desvalida de Gôa*.

Esteve em Lisboa, na quarta-feira, durante algumas horas, o ilustre senador brazileiro, dr. Antonio de Azeredo, que, com sua esposa, viajáva a bordo do *Arlanza*.

Foi muito cumprimentado.

Em França tem-se dado nos ultimos dias vários desastres na aviação de que resultou a morte de alguns intrépidos conquistadores do espaço.

Veio á capital do nosso país a corvêta *Adams*, navio-escola da marinha de guerra norte americana.

HA QUARENTA ANOS

Numa secção assim intitulada, e álias muito curiosa, publica o jornal alfacinha *Diario de Noticias*, no seu numero do ultimo sábado, o seguinte, que com a divida venia transcrevemos:

O ultimo carrasco português

«Faleceu ante-ontem ás 7 horas da tarde, na cadeia do Limoeiro, para onde havia sido removido da Relação do Porto em 1845. Chamava-se Luiz Antonio Alves, por alcunha o *Negro* e tinha 67 anos.

A unica execução foi em outubro de 1845, em Tavira. Faltou-lhe, porém, a coragem e deu ao seu imediato tres pintos, unico dinheiro que possuia, para o substituir nas funções daquêle horrivel cargo. Este homem, na cadeia, portou-se sempre regularmente. Era um preso bem comportado, porém temivel quando fôsse ofendido, como o mostrou para com o seu companheiro Simões, chegando a cobrir-lhe o corpo de facadas por aquêle ter dito que Luiz Alves era tão cobarde que não tinha coragem para fazer uma execução. Dêste conflito resultou separarem-se os dois executores fazendo-se uma grossa parede no corredor em que habitavam e abrindo-se uma outra porta; comtudo Simões no dia 24 de outubro de 1855 foi encontrado morto no seu quarto. Havia sido soldado de cavalaria de Chaves e assistira a todas as acções em volta do Porto, em Almoster, Asseiceira, até á entrada do duque da Terceira em Lisboa e fôra condecorado em campanha. Fôra nos seus tempos homem de celebrada valentia, bulhento e terrivel, chegando a desarmar escoltas e a fugir repetidas vezes á acção da justiça. Por ultimo foi julgado em Vila Pouca de Aguiar, onde respondeu a 18 procéssos que se lhe haviam instaurado por diversos crimes que se lhe atribuiam e que êle contestava, confessando que só matara dois individuos em legitima defêsa.

Foi condenado á morte e aceitou a comutação déssa pena, prestando-se a exercer o cargo de executor de alta justiça, pelo qual recebeu até á extincção da pena de morte 4$100 reis mensaes. Sucumbiu a ataques epiléticos e asmaticos de que ultimamente sofria muito. O seu passamento foi rapido e imprevisto. Andava a passear na enfermaria, depois, como se sentisse incomodado, encostou-se um pouco á beira da cama e aí ficou.

Quando foram por êle estava morto. Era entre nós o ultimo representante dêsses desgraçados, cuja perversidade e destino fatidico, a sociedade aproveitava como instrumento da sua fria e calculada vindicta.»

Congratulamo-nos em nome da humanidade e do progresso de que tantos anos tenham já decorrido sobre o desaparecimento da creatura que era a viva prova do absolutismo e da violencia, o testemunho autentico duma época de barbarismo e de crime legal, de que o nosso país hoje gloriosamente se ufana de ser o primeiro entre todos que dos seus codigos tão horrosa nodoa lavou.

Ha sessenta e oito anos que em terras portuguêsas se não mata em nome da lei!

NOTAS DA CARTEIRA

Com sua seposa, acha-se na praia de Espinho o digno professor do liceu de Aveiro, snr. dr. Eduardo Silva.

═ *Na Costa Nova está já com sua familia o sr. Bento de Carvalho.*

═ *Deu-nos na sexta-feira passada o prazer da sua visita, o nosso bom amigo e antigo correligionário, José Alves de Oliveira, da Borralha.*

═ *A passar a estação calmosa seguiu no domingo para Vilar de Ouro com sua familia, o snr. Manuel Marques da Cunha, capitalista desta cidade.*

═ *Tambem no mesmo dia embarcou para Cêpos, onde conta permanecer até Outubro, o snr. Julio Martins de Almeida, professor da Escola Normal.*

═ *Está em Entre-os-Rios o considerado farmaceutico angegense, snr. João Pereira Serrano.*

═ *Depois de ter passado alguns dias na Costa Nova, retirou para Lisboa o snr. José Rodrigues Ferreira, sargento de engenharia.*

═ *Egualmente saíu de Vale da Mó para a sua casa de Portunhos, o snr. Joaquim Carvalho.*

═ *Vieram no domingo a esta cidade os nossos correligionarios do Paço, Ventura Simões Aidos e Manuel Rodrigues Lourenço, fazendo-se este acompanhar de sua esposa.*

═ *Na segunda-feira, foi registado na repartição do Registo Civil da vila de Agueda, o filho de Jaime Augusto Bastos e Isaura Soares Pinto Bastos, de Recardães.*

O pequeno recebeu o nome de Jaime Pinto Bastos. Foi padrinho o sr. Francisco Porfirio da Silva, tio do neofito, e como testemunha pela madrinha, o sr. Casimiro de Oliveira Bastos.

═ *Tivémos o prazer de abraçar na terça-feira nesta cidade, o nosso amigo Egas de Castro, director do observatorio de Ponta Delgada, (Açores).*

═ *Com o asilo escola, de que é empregado, acha-se tambem na Torreira, a banhos, o sr. João Gamêlas.*

═ *Depois de algum tempo de permanencia por esta região, recolheram á capital os nossos correligionários srs. João Ferreira e Alfredo Pereira Duarte.*

═ *Estiveram em Aveiro os srs. Clemente Nunes de Carvalho e Silva, de Eixo; João Domingos da Cruz, de Canélas; Francisco Valério Mostardinha e o presidente do Centro Republicano, de Nariz.*

Ultramar

Aos nossos presados assinantes da Africa, Brazil, Congo, etc., a quem pelo correio nos dirigimos enviando-lhes nota dos seus débitos, roga a administração do *Democrata* a finêsa de os mandarem satisfazer pela via que melhor lhes convier cérta, como está, de que todos assim procederão atenta a sua comprovada honestidade.

E aceitem por isso o nosso antecipado reconhecimento

Do Brazil

O que nos é comunicado por dois amigos de "O Democrata,,

Por cartas recebidas nésta redacção dos nossos presados compatriotas e amigos, João José Nunes da Silva e Manuel Ferreira de Carvalho Afonso, é-nos comunicado o envio de 52$44 provenientes duma subscrição expontaneamente aberta no Parà para auxiliar as despezas feitas com o ultimo procésso do *Democrata* e que sobre ser uma prova de solidariedade, que muito nos penhóra, é ao mesmo tempo a demonstração cabal, completa, dos sentimentos déstes cidadãos que reconhecem a este jornal a justiça que tão desalmadamente lhe foi negada.

Impossibilita-nos conhecidas circunstancias transcrever a carta que Carvalho Afonso nos mandou a acompanhar o cheque e que é, como outras que possuimos, eloquentemente demonstrativa do conhecimento prévio que os nossos compatriotas tinham de alguns factos aqui reproduzidos. Guardâmol-a, contudo. E agradecendo a Carvalho Afonso e Nunes da Silva a sua cooperação e o seu auxilio neste momento de crise que o *Democrata* atravessa, enviamos-lhe daqui e a todos quantos comnosco se acham identificádos, a expressão sincéra do nosso reconhecimento.

***

Porque assim o deseja o snr. Carvalho Afonso, e só por isso, dâmos a seguir os nomes dos subscritores do Parà, não tencionando, porém, publicar os de outros senão quando isso nos seja solicitádo, como agora:

Manuel Ferreira de Carvalho Afonso	20$000
Antonio Alves de Faria.	20$000
Rodrigo Marques dos Santos.	5$000
João Marques da Cunha	10$000
Izidro Dias da Silva ..	5$000
A. Veiga & C.ª	5$000
Fonseca e Silva	5$000
Rafael F. Gomes	5$000
Um amigo do Afonso ..	5$000
Manuel dos Santos. ..	5$000
José Fernandes	5$000
Joaquim Bernardino Henriques	5$000
Silverio Ferreira Lopes.	5$000
João Rodrigues da Silva	5$000
Manuel da Silva Melicia	5$000
Alfredo Nunes Pereira..	5$000
Antonio da Fonseca Pinheiro.	5$000
Mendonça	2$000
Manuel Rodrigues Junior	5$000
Manuel Pascoal	2$000
Antonio Alfredo Alves..	5$000
J. Peixoto & Irmão ..	5$000
Manuel Dias Pinto. ..	3$000
Guilherme Pereira da Silva	3$000
J. J. Nunes da Silva ..	5$000
Soma réis	150$000

Ao cambio do dia em que esta quantia foi expedida, produziu os 52$44, moeda portuguêsa, como acima fica dito.

Comunicados

AS RUAS DE CACIA

Consta que alguns cacienses, aqui residentes, resolveram comprar as placas para as ruas de Cacia, em vista do nosso amigo sr. José Tavares não poder levar ávante a sua promessa em consequencia de obstaculos bem ponderosos que a isso se contrapõem e dos quaes temos conhecimento.

Em vista dêsses factos serem superiores á sua vontade, o snr. Tavares é digno de ser desculpado, não deixando contudo este nosso amigo de cooperar em outros beneficios para a nossa freguesia, como todos sabem.

Portanto, sendo cérto que alguns filhos de Cacia tenham resolvido comprar as mencionadas placas para serem colocadas nas ruas, pedimos a esses bons patriotas que não alterem os nomes projétados pela comissão daqui, cujos nomes reproduzimos para que fique no conhecimento de todos:

Cacia

Do apeadeiro ao largo do Cuval—*Rua da Republica*.

Largo do Cuval—*Largo 5 de Outubro*.

Do largo do Cuval á casa do falecido professor — *Rua Vasco da Gama*. De casa do falecido Manuel do Mestre por Santo Antonio aos Carrelos—*Rua José Estevam*.

A rua onde residiu Manuel Russo até á Parracha—*Rua Pedro Alvares Cabral*.

Do Espirito Santo até á casa do falecido Manuel Carvalho—*Rua 1.º de Dezembro*.

Rua nova (Estrada)—*Rua 31 de Janeiro*.

Do largo do Cuval ao Azerveiro, na estrada—*Rua Luiz de Camões*.

Quintã

Dos Barrocos á casa do falecido brazileiro — *Rua Manuel de Arriaga*.

Dos Barrocos, lado de S. Simão, até á casa da sr.ª Esteva—*Rua da Paz*. De casa desta ultima até á ultima casa para Taboeira—*Rua da Liberdade*.

Sarrazola

Rua Direita, do Cuval ao Miranda — *Rua Miguel Bombarda*. Viela do Campo, desde a capela do padre—*Rua João Chagas*.

Viela do Pedaço chamar-se-á —*Rua da Constituição*. Viela da fonte, desde a capela de S. Bartolomeu até ao Apeadeiro—*Rua Candido dos Reis*.

Da egreja á fonte—*Rua da Amargura*. Do Cruzeiro ao Apeadeiro—*Rua Marquês de Pombal*.

Não sabemos quem será a pessôa ou pessôas encarregadas de colocar as placas; parece-nos, contudo, que devem ser entregues á digna Junta de Paroquia da freguesia, a quem solicitâmos a sua inauguração no proximo dia 5 de Outubro, tendo em vista a data da proclamação da Republica Portuguêsa.

Pará, 14—8—913.

J. J. Nunes da Silva.

Necrología

Vitimada por uma lesão cardiaca que repentinamente a fulminou na noite de sexta-feira para sábado, desapareceu dêste mundo ali a nossa visinha fronteira, sr.ª Maria Rita da Silva Carmo, cujo estabelecimento de cereaes e diversos generos alimenticios era por vezes ponto de reunião de muitas creadas de servir que tinham pela bondosa Maria Rita verdadeira idolatría, apreciando-lhe a jovialidade, sua principal carateristica.

Por isso a sua morte foi bastante sentida e comentada, pelo inexperado, lamentando todos quantos a conheciam o seu permaturo falecimento.

A suas filhas e de mais familia, o nosso cartão de pêsames.

═ Estão egualmente de luto, por terem sido feridos no seu coração de filhos, a sr.ª D. Rosalina Alves Fontes, ilustrada professora da Escola Normal de Aveiro e Americo da Silva, que na repartição do govêrno civil ocupa um modésto logar com muito critério e inteligencia.

Sentidas condolencias.

═ Adriano Cordeiro era o decâno dos sapateiros desta cidade, que morava num velho casébre da rua da Corredoura, trabalhando sempre, apezar dos muitos invernos que já lhe tinham passado por cima. Pois agora acabou tambem o seu triste penar desligando-se da vida que no fatal momento se lhe extinguiu.

Paz á sua alma.

CORRESPONDENCIAS

Pará, 14.

Consta que os vapores alemães vão deixar de fazer a carreira entre o Pará e a Europa, devido á grande crise porque está passando esta cidade, pois lhe falta o carregamento, ficando só os vapores inglêses fazendo as viagens entre os dois pontos e deixando tambem estes de ir a Manáus.

Os efeitos da crise já de ha muito se faziam sentir com a falencia de diversas casas comerciaes e com a falta de trabalho; porém agora esses efeitos serão mais funestos e a mizeria será maior entre a população trabalhadora, principalmente no seio da colonia portuguêsa, que se vê aflita por não poder retirar para Portugal por falta de meios.

Não sabemos o que será o dia de ámanhã, tanto mais que ha probabilidades da companhia inglêsa aumentar os preços das passagens além dos 126$000 réis que atualmente se pagava por cada passagem em 3.ª classe.

A *Liga Portuguêsa de Repatriação* continúa repatriando para Portugal aos 4 e 5 infelizes por cada vapor, deixando de mandar mais por falta de verba.

Em Manáus, tambem a crize lavra com intensidade, tendo as casas estrangeiras contratantes de serviços publicos naquela capital, fechado as suas portas, entregando as chaves ao juiz seccional.

Parece que a fóme não tardará.

═ Faleceu no dia 21 de Julho no hospital D. Luiz 1.º, o nosso amigo José Torres Corrêa de Almeida, redactor do jornal *Almeidense* que se publicava em Almeida, Portugal, de onde tinha vindo ha pouco.

O seu enterro, que foi civil, foi muito concorrido, tendo tomado parte nêle o *Centro Republicano Português*, que conservou durante três dias a sua bandeira em funeral e tambem a loja maçonica de que o extinto fazia parte.

A' sua esposa e irmãos os nossos pêsames.

═ Faleceu tambem no dia 17 de Julho ultimo, no *japok*, para onde tinha ido trabalhar como carpinteiro, em companhia doutros colégas, o sr. João Maria Marques, natural de Veiros, Estarreja, aonde deixa viuva e três filhos menores.

Os nossos pêsames.

═ Partiu com destino á sua terra, Cacia, afim de procurar alivios á sua doença, o nosso amigo João Simões Duarte, a quem desejâmos feliz viagem e fazemos votos pelas suas melhoras.

═ Teve logar no dia 15 de Julho, no *Centro Republicano Português*, a eleição para a nova Directoria, a qual depois de eleita tomou imediatamente posse.

Esta directoria está empregando os seus esforços para imprimir ao *Centro* outra orientação e para cujo fim está tratando da sua nova instalação que vai ser no Largo da Polvora, canto da rua Riachuelo, a inaugurar no dia 5 de Outubro proximo.

═ Afim de liquidar a questão Domingos Pires Barreira, o *Gremio Literario Português* reuniu algumas vezes em assembleia geral resolvendo esse complicado assunto, que consiste em ter o sr. Pires Barreira adiantado ao mesmo, enquanto director, cêrca de 12 contos de réis e as directorias posteriores não lhe terem reconhecido esse direito por falta de escrituração elucidativa.

═ Foi barbaramente assassinado no dia 21 de Julho, por ter pedido contas ao seu patrão, o português Francisco Ferreira Soares, de 32 anos, casado em Portugal, aonde deixa mulher e filhos.

O assassino, que é de nacionalidade Espanhola, chama-se Claudomiro Mendes de Andrade, vendedor de galinhas e residente á rua Paes de Carvalho, 39.

═ Pelo que se lê nos jornaes de hoje, sabe-se que a Associação Comercial de Manáus pediu ao Presidente da Republica Brazileira, por emprestimo, 10 mil contos para valorisar a borracha e para o equilibrio financeiro da praça.

C.

Farol da Barra, 27

Agora que a afluencia de banhistas vae produzindo os seus naturaes efeitos, não só sob o ponto de vista animador e agradavel que nos proporciona a presença de numerosas familias, mas ainda pelas horas de magnifico entertenimento que se colhem na assembleia, temos por isso assim elementos para poder dar *sinaes de vida* ainda que, novo no encargo, não vão êles de molde a prender a atenção de quem quer que seja.

No passado domingo realisou-se na assembleia a primeira *matinée-concerto*, que foi concorridissima deixando na assistencia a mais agradavel impressão, não só pelo seu brilhantismo, mas ainda pela acertada escolha dos trechos que preencheram as 3 partes em que se dividiu o programa.

Em todas élas, executou brilhantemente o seu respectivo numero o magnifico trio composto pela ex.ma sr.ª D. Olinda Soares e seus irmãos, dr. José e Francisco, agradando sobremaneira a selécção da *Tosca*, de Puccini, que foi aplaudida com verdadeiro entusiasmo.

A quatro mãos executaram as ex.mas sr.as D. Branca e Olinda Soares, irrepreensivelmente as *danses norvégiénes* e *L'amico Fritz*, intermezzo, de Mascagni, que foi vivamente aplaudido. As mesmas senhoras executaram ao piano diversos solos, que agradaram pela firmeza de correção, provando assim mais uma vez os seus reconhecidos merecimentos musicais.

Mademoiselle Izabel Leite executou duma fórma completa uma valsa brilhante, ouvindo muitos aplausos, assim como o sr. F. Soares no seu solo de violino, com que fechou a primeira parte.

A segunda inicia-se pelas *Czardas n.º 2*, a quatro mãos, que cabem a Mademoiselles Alda e Maria Mesquita.

Nos registos da Assembleia figuram este ano, pela primeira vez, as gentis e simpaticas executantes e daí a natural curiosidade da assistencia em ouvir as jovens amadoras da divina arte de Mozart. Podemos afirmar que foi um dos numeros que mais agradou, não só pela belêsa da sua propria composição mas ainda pelo mimo e destrêsa como êle foi executado.

Os ouvintes compreenderam-no, manifestando-se com uma prolongada salva de palmas, prova bem frizante de agradavel impressão recebida e da merecida justiça feita ás distintas executantes.

Tivémos tambem o prazer de ouvir Mademoiselle Celina Cunha, que cantou na primeira e terceira parte—*The dawn* e *Come, sing to me*.

Mademoiselle Cunha evidenciou a sua preferencia pela musica ingleza e talvez em composições de autores doutra nacionalidade podésse dar mais expansão aos seus recursos, que são invejaveis.

Não sendo a sua voz volumosa éla é, todavia, bélamente timbrada, modulando-a com sentimental expressão, colorindo-a com ternura e mimo, fazendo despertar entre os ouvintes o desejo de que os numeros com que deliciosamente nos surpreendeu se prolongassem por muito e muito espaço. Foi aplaudida com manifesto agrado e de novo aqui a aclamâmos.

Pouco depois saboreavam-se nos respectivos *ménages*, os encantos do jantar, variado e quente, com grande beneficio para os estomagos dos comensaes, algo frios, ainda que muitos dêles saissem da... fésta com os corações... *quentes e grandes* no dizer pregoeiro das vendilhonas de castanhas, na bela terra das tripas.

A musica foi sempre explendido incentivo para o desenvolvimento das grandes paixões e dos grandes apetites...

Até á semana.

Roméro.

Cacia, 27

Lavra grande entusiasmo nésta freguezia pelos grandiosos festejos que nos dias 6 e 7 de Setembro se realisam no risonho logar da Quintã do Loureiro. Além do programa, que já é do conhecimento dos nossos leitores, ha a acrescentar outros numeros, como corridas de sacos, de pucaros, mastro de *cocagne*, luta de tracção, corridas de tres pernas, etc. De Lisboa e outros pontos do país veem muitos patricios desejosos de ouvir o grande prégador e ilustre republicano padre João Lopes Soares, governador civil de Braga. S. Ex.ª será hospede da familia do seu amigo e correligionario Manuel Dias Ferreira.

= A autoridade administrativa efectuou ha dias, na Quintã, uma deligencia para obrigar *alguem* a repôr uns paramentos pertencentes á capéla do S. Simão, e que por ocasião do arrolamento dos bens das egrejas fôram sonegados ao manifesto.

Fez-se uma prisão que deu em resultado o aparecimento imediato dos referidos paramentos.

Antes assim.

= Por estes dias deve ser posto a navegar, em Aveiro, um barco de recreio, movido a gazolina, e pertencente aos nossos amigos Jaime e Manuel Dias Ferreira. E' de construção esmerada, comportando para cima de 12 pessoas, sendo o motor de 8 a 10 cavalos. Esperâmos vêl-o singrar dentro em pouco, rio acima, dando uma nota alegre de progresso e civilisação no meio das nossas patriarcais baterias. Pena é que o rio este ano tenha pouca agua. Com muita dificuldade poderá chegar á pateira da Quintã.

C.

Alquerubim, 26

Como estava anunciada realisou-se no passado domingo a grandiosa festividade a S. Bartolomeu, no lugar de Loure, constando que agradaram sobremaneira os vários numeros do programa escolhidos pela comissão, que foi incansavel para que as festas corressem com o maior brilho.

São por isso dignos de todos os encomios os organisadores da festividade. As musicas de Angeja e de S. João agradaram bastante.

= Por um automovel foi colhido na ocasião em que procurava desviar um carro de bois da estrada o sr. Antonio Fonseca, fracturando uma perna.

Desejamos o seu rapido restabelecimento.

= No domingo sofreu uma melindrosa operação, a sr.ª D. Maria Inocencia de Araujo Ferreira, de S. João de Loure.

Foi medico operador o habil clinico de Oliveira de Azemeis, dr. Freitas, coadjuvado pelo dr. Eduardo Moura.

A doente encontra-se felizmente em via de restabelecimento com o que muito nos congratulâmos.

= Encontra-se restabelecido o presado filho do nosso amigo Antonio Lopes de Oliveira.

Parabens.

= De visita a seu irmão e com demora de alguns dias, está entre nós o sr. Alfredo Cézar de Brito, aluno do Instituto do Porto.

= Apezar de o tempo ameaçador que tem feito estes dias, ainda não caíu a benefica e tão desejada chuva. Avisinha-se um ano de fome.

= Está de cama, bastante encomodado, o nosso amigo, sr. João Marques Gomes. Seguindo no seu motocicle chocou com uma bicicleta originando assim uma quéda desastrosa que poderia ter ainda mais gráves consequencias.

O sr. Gomes foi erguido do solo sem sentidos tal foi a violencia da pancada e ferimentos recebidos.

Do coração lhe desejâmos o seu pronto e completo restabelecimento.

= Com sua filha, a sr.ª D. Maria de Castro, seguiu para a Barra a uso de banhos a esposa do nosso bom amigo João Henriques de Azevedo.

C.

Recardães, 27

Encerrou-se o recenseamento eleitoral do concelho de Agueda, com o seguinte resultado: inscritos em 1911, 3:010; iliminados por terem falta de capacidade eleitoral, 1:264; iliminados por terem falecido, 51. Transitam para 1913, 1:695; requereram a sua inscrição, 816, totalidade dos recenseados, 2:511.

= Para Espinho, afim de fazer uso de banhos, foi na semana passada o nosso amigo sr. José Rodrigues da Graça.

= Veio aqui na segunda-feira, retirando no mesmo dia, o nosso amigo sr. Francisco Porfirio da Silva, comerciante nêssa cidade.

= Para éssa cidade foi na segunda-feira, regressando no mesmo dia, o nosso amigo e correligionario sr. Joaquim Rodrigues da Graça, digno presidente da Comissão Politica do velho partido republicano português, nésta freguezia.

C.

Anuncios